

Boletim Econômico

SINMETAL

Vol.88 – 09/2006



Crédito alcançou o maior volume: 33,1% do PIB.

As taxas de juros para pessoas físicas registraram o menor nível histórico, 46,6%. Já para as empresas, em agosto de 2007, houve um ligeiro aumento, ficando em 23,1% ao ano.

O volume de empréstimos em agosto de 2007, de acordo com o Banco Central do Brasil, chegou a 33,1% do Produto Interno Bruto (PIB), o mais alto desde o início do Plano Real. O estoque total de crédito somou R\$ 841,5 bilhões, um aumento de 2,9% em relação ao mês anterior. Em 12 meses, o crescimento é de 24,8%. Este desempenho é prova de que a turbulência internacional, deflagrada por uma crise de créditos imobiliários de alto risco nos Estados Unidos, não atingiu o País.

No Brasil, onde não há crédito habitacional de alto risco, os financiamentos imobiliários continuam crescendo em ritmo acelerado. Nos últimos 12 meses, o aumento foi de 73,9% e aponta para um volume de R\$ 1,7 bilhão em operações habitacionais. Em relação a julho, o crescimento foi de 7,2%. Contudo, esta modalidade de empréstimos ainda representa apenas 1,6% do PIB, enquanto que nos Estados Unidos, corresponde a 60% do PIB.

O principal responsável pelo aumento do crédito foram as operações de leasing. Nos últimos 12 meses, até agosto, o volume de leasing cresceu 74,4%. Só no mês passado, houve aumento de 7,7% em comparação a julho. O estoque das operações de leasing soma R\$ 50,64 bilhões.

O volume das operações de crédito para pessoas físicas somou R\$ 290,3 bilhões em agosto, 30,1% maior do que no mesmo mês do ano passado e 2,7% mais alto do que em julho. Já o crédito para empresas cresceu 2,9% em agosto se comparado a julho. A taxa média de juros cobrada pelos bancos caiu para 35,7% ao ano, frente a 35,9% em julho - que era, até então, a taxa mais baixa da série histórica do BC, iniciada em 2000. Para as pessoas físicas,

os juros médios caíram para 46,6% ao ano, ante 47% em julho.

Para as empresas, a taxa média aumentou para 23,1% ao ano, frente a 23% no mês anterior. E o spread bancário médio - diferença entre a taxa de captação dos bancos e a cobrada dos clientes cresceu de 12,1 para 12,4 pontos percentuais.

É oportuno ressaltar que os juros do crédito para pessoas físicas atingiram em agosto o menor nível histórico, de 46,6% ao ano. A redução do spread foi forçada pelos próprios consumidores, que substituíram o uso do cheque especial, cuja taxa é a mais alta, por empréstimos com juros mais baixos, como o crédito consignado.

Os juros médios do cheque especial são de 139,5% ao ano. Essa foi a única modalidade de empréstimo que teve redução do volume em agosto, de 0,7% se comparado a julho. Já a taxa de juros média do crédito consignado é de 30,7%.

Mas, mesmo com a redução de 7,3% dos juros para pessoas físicas nos últimos 12 meses, o consumidor brasileiro não tem muito o que comemorar. Nos Estados Unidos, a taxa média desta modalidade de empréstimo é de 4,5% ao ano. Outra discrepância são os juros cobrados no cartão de crédito. No Brasil, a média é de 55,2%, já nos EUA variam de 8% a 25,2% ao ano, dependendo do perfil de risco do cliente.

Os bancos brasileiros justificam os juros altos pela alta inadimplência no país, que em agosto voltou a subir de 7,1% para 7,2% entre as pessoas físicas. No total, a inadimplência se manteve estável em 4,7%, incluindo as empresas.